

Parada na plataforma olhando aquele emaranhado de estações eu me perguntei quantas horas ainda eu precisaria viajar. Após treze horas de voo, me imaginar mais duas horas entocada num trem era de enlouquecer! Parecia mais uma viagem pro Japão... Se não tivesse inventado vir antes e passar duas semanas de férias em York já teria chegado. Mas logo quando soube da possibilidade de fazer essa viagem à Inglaterra, York me veio à cabeça. Eu já tinha ouvido falar da cidade medieval, localizada ao norte da Inglaterra, e de suas muralhas do século XIII. Como aluna recém-formada em Literatura, eu não poderia deixar de vivenciar um lugar como esse. Tinha até me matriculado em um cursinho de história, alguns dias visitando lugares e aprendendo sobre eles.

Viajei mais uma hora e meia de metrô até chegar à estação de trem. O cansaço não me deixava curtir muito. Eu comecei a viagem empolgada, tirando foto de tudo: despedida dos amigos e dos pais no aeroporto, passagem pela alfândega, o visto no passaporte, o jantar no avião, eu escutando música na minha noite insone voando pelo Atlântico. Embora eu estivesse no auge da euforia, na escala em Portugal eu já comecei entregar os pontos. Andei tanto no aeroporto que já tinha um bolha em cada dedinho dos pés. Como São Paulo sobrevivia com um aeroporto tão compacto se Lisboa precisava de um tão grande? Levei 23

minutos do saguão principal até meu portão de embarque! Andando em ritmo forte e sem exagerar nenhum segundo! Inacreditável...

Quando entrei no trem agradei por ser tão confortável, muito melhor do que a classe econômica do avião. Estiquei as pernas, apoiei meu casaco na janela e fechei os olhos tentando dormir. Meu estômago doeu e eu lembrei que não tinha almoçado. Levantei e fui atrás do "serviço de bordo". Comprei um lanche e um suco. Só consegui comer metade porque o lanche era de um gosto indescritivelmente estranho, parecia carne com geleia. Voltei a tentar dormir, mas a ansiedade e o medo de perder o desembarque não me deixaram descansar direito.

Finalmente: York! Saí da estação pegando o mapa que tinha feito no Brasil. Eu sabia que não precisaria de outra condução já que o hotel ficava a algumas quadras dali. Fiquei tentada a pegar um táxi, mas senti vergonha. Recolhi o resto de força que ainda tinha e saí arrastando minha bagagem cidade adentro. Já era nove da noite, mas parecia que era fim de tarde e não pude deixar de reparar em como o céu estava lindo, todo pintado de azul escuro. Cheguei ao cruzamento e me senti perdida com os carros nas direções contrárias. Naquele momento, decidi sempre olhar para os dois lados antes de atravessar, não importando se a rua fosse mão única ou não. Olhei mais adiante e vi um dos portais da cidade rodeado pelos muros. Lindo! No mesmo

instante me lembrei de Tróia e agradeci por poder conhecer um lugar que antes era apenas cenário de livro épico pra mim. Aquilo era real, embora meus olhos ainda duvidassem. Olhei para o outro lado e avistei o hotel: o convento mais antigo em atividade da Inglaterra que, além de suas funções religiosas, servia de abrigo para turistas, estudantes e quem mais precisasse de seus serviços. Além da hospedagem, o hotel contava com um restaurante que servia almoço e chá e também uma sala de conferência. Sabia de tudo isso porque já tinha pesquisado pela Internet, mas confesso que olhando de fora me pareceu mais um prédio doméstico e familiar.

Assim que cheguei fui conduzida ao meu quarto. O lugar que seria minha casa por duas semanas. Como eu estava vindo com incentivo estudantil eu pagaria apenas metade e ficaria em um dos quartos mais modestos, sem banheiro. Eu estava um pouco preocupada com isso, mas fiquei feliz quando o senhor alto, magro e de voz grave abriu a porta me mostrando os aposentos. Era amplo, bem decorado, muito limpo e agradável. Contava com uma cama de solteiro, mas um pouco mais larga do que o normal, um guarda roupa de duas portas de madeira clara. Bem ao lado, havia uma mesa com cadeira feitas da mesma madeira amarelinha do guarda roupa. Em cima dela tinha um telefone, um rádio relógio, um aparelho que parecia ser uma chaleira, saquinhos de chá e chocolate quente, pequenos biscoitos e potinhos de leite do tamanho da ponta do meu dedo mindinho, o que me fez refletir sobre

sua real utilidade. O senhor me deu instruções e horários do hotel, me deu as chaves e saiu educadamente. Estranhei como entendi perfeitamente o inglês. Percebi que o sotaque limpo dos britânicos facilitaria muita a minha vida de estrangeira. Assim que fechei a porta encontrei uma pia, uma pequena prateleira de vidro e um espelho com luz individual. Muito charmoso!

Abri minhas malas e aspirei com prazer o cheiro de roupas limpas. Separei um jeans justo de lavagem bem escura, um camiseta roxo e casaco preto. Saí em busca do banheiro mais próximo. Vi uma placa a um quarto do meu. Duas portas: uma só com o vaso sanitário, a outra com a lavanderia. Entrei na lavanderia e abri a segunda porta. Dei de cara com uma banheira que só se vê em filmes dos anos 50. Ela estava bem em frente a duas janelas enormes com vista para cidade e cobertas por transparentes cortinas brancas. Sobre o chão verde esmeralda, uma cadeira e um aparador. Não poderia ser mais inusitado. A cada novidade, eu me sentia levemente retirada da realidade, como se estivesse sendo carregada para um mundo de sonho. Abri as torneiras, atenta ao aviso de cuidado, pois a água de uma delas era realmente escaldante. Enquanto enchia, tirei a roupa colocando tudo cuidadosamente sobre a cadeira. Coloquei um dos pés e me alegrei ao sentir a temperatura quente da água. Apesar de ser verão estava muito frio. Deitei e deixei cada pedacinho do meu corpo sentir o prazer

do conforto. Abri de leve um dos lados da cortina e olhei a cidade.

Eu tinha acabado de completar 20 anos, era estagiária de uma editora britânica que tinha uma filial em São Paulo. Resolvi me inscrever no projeto de intercâmbio, mesmo sabendo da dificuldade do processo de seleção. A partir de então comecei a guardar dinheiro para a viagem, pois eu sabia que o salário não seria suficiente. Quando me chamaram pra dizer que eu tinha sido escolhida, nem acreditei. Desde a separação dos meus pais eu queria me afastar um pouco. Não que eles me causassem problemas, pelo contrário, cuidavam tanto de mim que eu me sentia um estorvo. Essa era a chance de eu mostrar que estava bem, que me sentia amada e que a vida seguia. Quando contei para eles do programa de intercâmbio, que moraria em Londres por um ano, eles se sentiram aflitos. Eu entendi, mas fomos amadurecendo a ideia e por fim aceitaram. Viram que seria um passo importante para minha carreira e para minha vida. Eu desejava fazer tudo por minha conta, mas agradei o dinheiro que depositariam na minha conta para ajudar com as despesas. Meus pais não são ricos, mas tinham algumas posses e eu sou filha única, logo não tinha motivos em bancar a rebelde.

Sentia vontade de terminar o banho rapidamente e sair, ver um pouco da cidade, comer algo quente e beber alguma coisa. Mas a água quente me prendia. Decidida, pulei pra

fora da banheira, me enrolando na toalha. Vesti a roupa depressa e fui para o quarto. Coloquei as botas por cima da calça puxando o zíper até o joelho, fechei o casaco e saí. Parei por um instante mentalizando o caminho, porque o hotel era um verdadeiro labirinto, parecia que tinha crescido aos poucos e desordenadamente. Cheguei ao hall, desacelerando o passo por conta do excesso de silêncio do local. As luzes estavam apagadas e a porta da frente trancada. Como assim? Eu sei que estava hospedada em um convento, mas não tinha nada escrito em ter que seguir os horários das freiras. Andei nas pontas dos pés, procurando alguém, até esbarrar no senhor que tinha me atendido horas antes. Arranhei a garganta criando coragem pra soltar meu inglês tupiniquim e perguntei se poderia sair. Ele me disse que eu poderia usar minha chave na porta lateral do hotel para entrar e sair quando a recepção estivesse fechada. Foi aí que eu entendi por que o meu chaveiro tinha duas chaves. Todos os hóspedes tinham a chave do quarto e a chave da entrada lateral. Ele me acompanhou até a porta, assegurando que eu não me perdesse pelo caminho. Senhor gentil, hotel estranho.

Estava muito frio! Puxei um pouco mais o casaco para o peito e comecei a andar. A cidade estava vazia, o céu estava escuro. Olhei o relógio e tinha passado um pouco das 22 horas. Atravessei a rua e segui em direção ao portal. Andei uma quadra e meia e entrei num "pub" de portas e

janelas pretas, mobília escura e cheiro de menta. Tinha uma garçonzete limpando as mesas, notei que só uma delas estava ocupada. Sentei na primeira que vi. Uma pequena com lugar para duas pessoas. Olhei a cadeira vazia e me dei conta de como essa jornada seria solitária.

- Você tem que pedir no bar, tá?

- Hã? Desculpe... Eu?

- Tem que pedir no bar. Não servimos na mesa.

- Ok.

Ótimo! Nem precisei abrir a boca pra mostrar que era estrangeira. Cheguei ao caixa olhando os cardápios, minha boca se encheu d'água. Comecei a pedir e o balconista me explicou que comida só até às 21 horas. Depois disso, só se vendia saquinhos de batatas e bebidas. Afff... Saída inútil. Se soubesse, teria ficado no hotel tomando chá com biscoitos ou, quem sabe, dez potinhos minúsculos de leite. Contudo, eu já estava ali, então resolvi curtir. Comprei um pacote de batatas e uma cerveja pequena, que por sinal era bem grande. Eu não sou fã de cerveja, mas eu me recusava a tomar um suco com batatinhas na minha primeira noite na Inglaterra. Dentre as quinze opções, escolhi a mais escura, fraca e doce do balcão, que me foi servida de mangueira. Legal. Tirei o casaco já me preparando para o copo, sentei em uma mesa diferente da primeira, estava mais próxima da janela em uma parte mais iluminada do bar. Reparei no grupo da mesa do canto. Vários rapazes, todos altos, magros,

claros e de olhos pequenos. Talvez os ingleses fossem como japoneses para os brasileiros ou o excesso de ar pressurizado havia causado algum dano cerebral que me impossibilitava distinguir maiores detalhes. Notei que era a única mulher no bar. Constrangida, eu só queria engolir tudo o que eu havia comprado e sumir dali. E se eu estivesse infringindo algum tipo de norma ou bons costumes? Quando estava quase me levantando, um grupo de mulheres tagarelas adentrou no bar, inundando o lugar de risos e gritinhos. Percebi que seria impossível eu estar infringindo qualquer coisa, muito menos os bons costumes. Relaxei. Olhei de novo o primeiro grupo e percebi os olhares interessados nas recém-chegadas. Todos estavam olhando naquela direção, menos um. Para minha surpresa, encontrei um par de olhos azuis focados em mim. Baixei os meus bem depressa, como se tivesse sido pega fazendo algum tipo de travessura. Fingi que não percebi e enfiei a cara no copo. Ele continuou olhando enquanto alguns dos rapazes saíram da mesa e se juntaram às moças. Parecia que se conheciam, pois a conversa aumentou rapidamente. Ainda me sentia vigiada, e isso me causou um misto de prazer com constrangimento. Sem pensar muito, me levantei pegando o casaco e fui embora. Comecei a andar depressa e a fechar o casaco ao mesmo tempo. Parecia um pouco mais estabanada do que o normal. Beber sem comer, realmente tinha sido uma péssima ideia.

- Hey! Ei moça...

Olhei pra trás e vi o mesmo par de olhos...

- Espere.

Ai Deus! Era meu primeiro dia aqui e eu já estava encrencada! Agora eu tinha certeza de que tinha entrado no bar errado. Apertei o passo e ele começou a correr gritando:

- Suas chaves, suas chaves...

Parei envergonhada! Senti o rosto esquentar mesmo estando um frio congelante. Forcei um sorriso desajeitado e me virei.

- Boa corredora.

- Desculpe.

- As chaves caíram do bolso do seu casaco.

- Obrigada.

- Chegou hoje?

- Tão obvio assim?

- Um pouco...

Não sei se era a proximidade dele ou o ar gelado, mas meu cérebro começou a reconhecer detalhes. O rapaz era um espetáculo de bonito! Alto ele realmente era, mas não tinha nada de magro, era... era perfeito.

- Ah! Desculpe, tenho que ir... vinte e quatro horas sem dormir, sem comer... e ainda por cima a cerveja começou a fazer efeito, então... obrigada pelas chaves.

Saí andando e percebi que ele continuou parado me olhando. Virei de leve e acenei. Ele retribuiu e continuou parado. Não olhei mais. Cheguei ao hotel e tirei as botas antes de subir as escadas. O assoalho já era bastante barulhento. Arranquei as roupas, lavei o rosto na pia, me vesti e deitei. Não consegui nem me maldizer por ter sido tão ridícula, só deu tempo de relembrar aquele par de olhos e cair no sono.

Dormi dez horas e meia, acordei renovada, mas com uma leve dor de cabeça. Depois do ritual da manhã, desci em busca do café. Claro que eu tinha perdido o horário do buffet, então comprei qualquer coisa que pudesse me manter viva até o almoço. Hoje meu dia seria livre e tinha sol. Subi, me lavei, prendi os cabelos, vesti roupas leves, tênis e óculos escuros. Assim que abri a porta questioneei a camiseta de manga curta, pois estava sol, mas também estava frio. Resolvi sair daquele jeito mesmo. Estava decidida a andar até não aguentar mais, então o ar gelado poderia até ser bem vindo.

Coloquei os óculos para diminuir a luz que fazia minha dor de cabeça aumentar. Que tipo de pessoa tinha ressaca por conta de meio copo de cerveja?? Fui seguindo a mesma direção da noite anterior, passei em frente ao *pub*, dei uma sacudida de leve na cabeça para afastar os pensamentos e segui para meu desbravamento turístico.

York é um espetáculo! Andando sobre as muralhas eu começava a enxergar todas as cores da cidade. Decididamente, era um lugar dos sonhos: repleta de jardins e flores, rios cristalinos, arquitetura encantadora e extremamente limpo.

Andei até o Forte, passei pelo *The Shambles*, comi *fish and chips* e já tinha rosto corado quando decidi parar, só não sabia se a vermelhidão fora provocada por tanto andar ou pelo vento gelado que trincava no meu rosto. Parei na ponte do Rio *Ous* e admirei a vista: o céu azul sem uma nuvem sequer, a água refletindo o sol, os patos andando na margem do rio. Subi o olhar e vi os pequenos prédios com as sacadas de frente para a mesma vista que eu tinha, nada mal morar em um lugar assim. Olhei a outra margem e pude ver uma fileira de bares e restaurantes, as mesas de fora repletas de pessoas aproveitando o sol. Parei de vasculhar o nada ao me deparar com uma figura alta, esguia, e de cabelos desgrenhados. Vestia jeans, all star, camiseta branca e camisa xadrez de mangas curtas. Dessa vez não pude ver os olhos azuis que estavam cobertos por um par de óculos escuros do mesmo modelo do meu. A maneira displicente que ele estava sentado, as pernas esticadas com um pé sobre o outro, os braços cruzados sobre o peito, o jeito que o sol brilhava em seu cabelo, tudo nele era um convite a ser olhado. Engoli seco e ele deve ter percebido minha obsessão, pois mesmo estando longe, ele me olhou.

Continuei parada encarando, simplesmente não conseguia e nem queria parar de olhá-lo. Alguém esbarrou e me tirou do transe. Quando olhei de volta ele tinha se endireitado na cadeira. Sorriu. Sorri de volta. E como ele não moveu mais um mísero músculo que denunciasse algum desejo de vir em minha direção, acenei e fui embora frustrada. Conversar seria bom, estava cansada de só ouvir. Decidi ligar para casa. Após um "mini curso intensivo" com o taxista, finalmente consegui fazer a ligação. Levei uma bronca por ter demorado tanto, mas depois de contar minha odisseia fui perdoada. Como a ligação era internacional, não pude satisfazer por completo minha ânsia por conversa. Voltei ao hotel, guardei as compras que tinha feito no mercado: biscoitos, chocolates, suco, água mineral e salgadinhos. Um kit para emergência. Tomei banho, vesti um agasalho leve, coloquei os fones de ouvido e, deitando na cama macia, acabei adormecendo. Sonhei que estava correndo em um parque por entre as árvores, de vez em quando um raio de sol me atingia, fazendo meus olhos brilharem. Eu sorria como uma criança brincando de pega-pega. Sabia que tinha alguém correndo atrás de mim, mas não olhava pra ver quem era. Chegando a uma clareira de grama alta, parei por um segundo e senti um empurrão suave e firme na cintura. Quando me dei conta, estava no chão sobre o corpo dele. Assim que abri os olhos, ele me beijou. Acordei com a respiração acelerada. Qual poderia ser o tamanho da minha carência para me fazer

pegar um simples desconhecido e grudar no meu inconsciente? Eu tive alguns namorados, mas nada muito importante. Não era do tipo romântica e talvez por isso estivesse chocada com aquele sonho. Levantei arrancando os fones e olhei pela janela. Já estava escuro. Que tédio! Desejei que a noite passasse depressa, o meu sábado seria bem agitado e eu não teria tempo de ficar com a cabeça vazia, porque certamente esse seria o meu problema. Não ter no que pensar estava me fazendo pensar no que não devia.

Os próximos dias foram agitados. O micro ônibus passava sempre no mesmo horário, me levava junto com outros turistas e estudantes para viagens incríveis, descobrindo diversos recantos de York e arredores. O grupo era formado por famílias e jovens como eu. Foi muito bom conhecê-los, embora meu desejo por conversar fosse insaciável. Eu devorava todas as histórias e fotografava até as sombras das árvores. Os dias estavam cheios e eu, realmente, não tinha tempo de pensar em nada. Mas as noites vinham me fazendo sonhar. Os cenários mudavam: um casarão antigo, um parque, o Rio Ous, São Paulo... Mas os personagens eram sempre os mesmos: eu e ele. Sempre em situações íntimas, felizes e amigáveis, como se nos conhecêssemos desde sempre. Mas o fato é que eu nem sabia quem ele era. Não sabia sequer o nome. Eu o tinha visto duas vezes e de relance! Que estranho! Talvez fosse a sua figura, tão diferente dos caras com quem eu já tinha saído e tão comum

para um inglês, que me fizesse usá-lo como molde para minha carência.

Minha passagem por York poderia ser resumida em três palavras: história, frio e sonhos. Eu juntei minhas coisas, lancei um olhar de despedida para meu aconchegante quarto e fechei a porta. Dentro do elevador olhei o chaveiro e não consegui prender o sorriso ao olhar a chave da porta lateral que usei diversas vezes nas minhas escapadas. Cheguei na estação dez minutos antes do horário. Eu havia comprado a passagem dois dias antes para me programar. Fiquei entediada ao ver que teria que esperar, mas fiquei com medo de perder o trem caso me distraísse. Culpa da pontualidade britânica. Sentei em um dos bancos para esperar, abri um livro, mas não tinha vontade de ler. Ouvi conversas e me estiquei para olhar, sem sucesso. O trem chegou e me espantei ao ver que não tinha atrasado nem um minuto. Puxei a bagagem e me aproximei, esperando o trem parar. Olhei a passagem mais uma vez pra ter certeza de que era mesmo o meu trem. Subi o primeiro degrau e, ao puxar a bagagem, o peso foi maior do que eu esperava. Deixei a pequena mala de cima cair e, ao me abaixar para pegá-la, alguém a devolveu pra mim. Levantei a cabeça e vi o mesmo par de olhos. Será que existia alguma outra pessoa capaz de me socorrer?

- Oi de novo.

- Obrigada de novo.

- Sem problemas... Tome cuidado em Londres, eu não estarei lá pra te socorrer.

Silêncio. Eu sempre ficava meio muda quando surpreendida e eu realmente pensei que ele pegaria o mesmo trem que eu. O funcionário pegou minha bagagem num misto de ajuda e pressa. Meu salvador desceu o degrau e acenou. Acenei de volta e entrei. Sentei na janela e fiquei olhando o rapaz louro e alto parado na plataforma. Ele era apenas um desconhecido, mas para mim, aquela cena lembrava uma despedida, como se nos importássemos um com o outro. Ele também ficou me olhando com as mãos enfiadas nos bolsos. O trem partiu.

Durante a viagem eu pensava em York com saudade, pois eu já estava habituada ao lugar. Conhecia as ruas, o comércio e até algumas pessoas. Mas agora, lá estava eu seguindo para o novo mais uma vez. Em Londres as coisas seriam bem diferentes. Eu teria um emprego de meio período, moraria com uma família desconhecida que me alugou um dos quartos de sua enorme casa. Aliás, eu não entendia muito bem porque eles faziam isso. A casa ficava a oeste da cidade, uma região bem valorizada e, pelas fotos, a casa era bem grande e bonita. Não havia a menor chance de imaginar que eles necessitassem do pouco dinheiro que cobravam pela hospedagem e refeições. Essa família já havia abrigado outro estudante e foi indicada pela empresa. Meus

pais se sentiram confiantes e eu gostei por ficar perto do trabalho.

Enquanto meus pensamentos rodopiavam dentro de mim, a cena da plataforma surgiu uma vez mais. Fechei os olhos tentando segurar a imagem marcante dele. Permaneci assim até adormecer. Sem sonhos dessa vez.